

O DISCURSO DE TOBIAS BARRETO NA CONTRAMÃO DO PENSAMENTO INTELLECTUAL NO BRASIL: DE 1870 A 1889

José Elias Pinheiro Neto

Doutorado em andamento em Geografia Humana

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo
(FFLCH/USP)

Professor do Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás (UEG/Campus Jussara)
joseeliaspinheiro@usp.br

CONCEIÇÃO, Alexandrina Luz. *Às margens do Beberibe e do Capibaribe: a crítica de Tobias Barreto nos meandros da Geografia*. 308 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2001.

Tobias Barreto de Menezes (1839 – 1889) foi um polêmico escritor, filósofo e jurista brasileiro, defendeu diversos movimentos dentre eles apontamos os críticos literários, filosóficos, sociais e jurídicos, participou, liderando, do que foi tema central de sua vida o ‘germanista’. Este assunto foi constantemente discutido no local em que ficou conhecido como a Escola do Recife, agitando a Faculdade de Direito e posteriormente tornando-se lente. Conquistou seguidores, amigos e na mesma medida inimigos. Em meados do século XIX o Brasil construía sua historiografia calcada no evolucionismo e no positivismo, estas foram manifestações do naturalismo e do antimetafisicismo que fizeram parte do construto intelectual principalmente do Nordeste brasileiro.

A situação social no Brasil foi, por muito tempo naquela época, explicada a partir das doutrinas de inferioridade com bases teóricas no evolucionismo e darwinismo. O discurso ideológico da classe burguesa pregava o desenvolvimento e para isso acreditava numa ideologia do branqueamento, passo essencial para efetivação do país como parte do primeiro mundo, porque até então o que apresentávamos era uma sociedade formada por uma ‘raça’ inferior, e para que o progresso nacional ocorresse a comparação estava baseada em todas as nuances do contato com o ‘branco’ europeu. De 1870 até 1930 os estudos tupiniquins tanto geográficos quanto direcionados a outras ciências sociais carregavam bases teóricas do determinismo ambiental/racial ou do darwinismo social, essas características foram essenciais para o período que atravessávamos para um projeto de modernização em busca de uma redefinição da identidade nacional.

Building the way

Havia na Geografia uma explicação de aspectos utilitaristas da teologia natural, essa ideia também era característica das Ciências Biológicas com base nos estudos de Karl Ritter. Dentro desses aspectos teóricos e declaradamente entregue ao pensamento contra-revolucionário do romantismo alemão está Tobias Barreto, com uma proposta hegemônica da ideologia regionalista. Sua ferrenha defesa ao germanismo em detrimento das teorias francesas versava, baseada na Escola Histórica de Direito Alemã, sobre um renascer de autoconsciência da alma popular e do povo com espírito de mudança. Todavia, o contexto do iluminismo ainda o prendia, sua luta com clara abordagem aos signos liberais foi uma característica singular, sua criticidade salvou-o do pensamento hegemônico e explicou sua ambiguidade em pregar uma evolução nacionalista apegando-se a parâmetros germânicos.

Entre a produção intelectual que trata dos estudos barretianos esta resenha se ocupa de *Às margens do Beberibe e do Capibaribe: a crítica de Tobias Barreto nos meandros da Geografia*, é uma tese para doutoramento em Geografia Humana na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, defendida em 2001, por Alexandrina Luz Conceição, sob a orientação do Professor Doutor Heinz Dieter Heidemann. A centralidade da tese está na análise que a autora faz do discurso de Tobias Barreto com referência teórica na concepção de Mikhail Bakhtin, em que são identificadas as falas compreendidas no contexto das relações sociais, “como signos ideológicos reflexos das estruturas sociais e marcados ideologicamente na contradição aparente entre a unicidade e a pluralidade de sua significância histórica” (CONCEIÇÃO, 2001, p. 13).

A tese trabalha com Tobias Barreto para, fundamentalmente a partir de seu discurso, propor uma reflexão em até que ponto suas premissas constituíram-se um novo pensamento social brasileiro, com abordagens principais no que se refere à crítica ao determinismo social e racial. Longe de defender uma teoria de caráter nacionalista o objetivo é compreender no discurso barretiano, no que se refere ao entendimento da cultura como definidora do Estado/Nação e suas reflexões, a importância da valorização do indivíduo a partir das relações cultura/homem e não, pura e simplesmente, da questão racial.

No plano da obra os elementos discursivos textuais concatenam-se em contínua sequência dividida em duas grandes partes e um anexo. Nas estruturas pré-textuais estão dispostas a dedicatória e agradecimento, bem como os índices de figuras e tabelas explicativas

Building the way

das fotografias e demais informações não verbais que objetivam comprovar as bases teóricas desenvolvidas no enredo. Nos pós-textos, o anexo toma forma conteudística de uma terceira parte, a própria autora o chama de terceiro capítulo, nele há uma discussão sobre a imagem refletida no discurso de Arthur Orlando nos meandros da Geografia e um apontamento da admiração e do respeito devotado por ele a Tobias Barreto. E também, uma defesa que ao assumir um discurso, não havendo uma contextualização do autor, é possível o crítico incorporá-lo, reforçando os discursos assumidos por outros comentaristas pesquisados, uma das razões pelas quais a autora se propõe a ler Tobias Barreto no seu contexto.

Os elementos textuais estão divididos em duas grandes partes enumeradas em 1 e 2, a primeira inicia com o tópico II intitulado *Escola do Recife* que mostra em seus dois primeiros subtópicos a forte corrente intelectual de Tobias Barreto como participante ativo na renovação versátil do espírito acadêmico o que o influenciará com relevantes aspectos do evolucionismo, representando uma síntese filosófica que justificaria as atitudes políticas, sociais e religiosas dos intelectuais brasileiros. O subtópico 3 aponta as visões da Escola do Recife e faz isso sob a ótica de Sílvio Romero, Clóvis Beviláqua e Antonio Paim. O 4 aborda a Faculdade de Direito do Recife e o surto das novas ideias que somente ocorreria após a aprovação no concurso de Tobias Barreto para aquela instituição.

Ainda na parte 1, o tópico III com o título *O pregoeiro na nação civilizada brasileira/germânica* é iniciado com o subtópico 1, sobre uma vida em seu contexto no período de pleno apogeu do liberalismo burguês e a grande influência do monismo de Ernesto Haeckel nos estudos de Tobias Barreto, este que assume os pressupostos desenvolvidos como uma expressão ideal das relações estabelecidas na sociedade, a ideia de Progresso e de Evolução constituem as suas representações, como organicista, de ver o mundo.

O subtópico 2 deste III tópico, apresenta a crítica que Tobias Barreto difundia como uma proposta. Vale dizer que tinha o aval de Sílvio Romero e uma parte dos seguidores da Escola do Recife. A crítica tenta explicar, dentro de uma fundamentação científica, que o evolucionismo lidava também do rompimento com a autoridade e consequentemente com o tradicional, buscando a renovação do pensamento e da sociedade. Era o desejo do novo que pregava, da construção de novas ideias em um país cujo o espiritualismo dominava com prerrogativas das

Building the way

proposições francesas. Conceição (2001, p. 74), escreve que “A crítica tinha um duplo objetivo: de um lado mostrar a fraqueza, do outro “apresentar” um novo caminho em bases “científicas”.”

O Germanismo é explicado no subtópico 3 e inicia com o primeiro item, 3.1, falando sobre o contato de Tobias Barreto com a cultura germânica. Com dificuldades financeiras Tobias Barreto muda-se para o município de Escada, interior da Província do Pernambuco. Nessa época é que aparece sua admiração pela filosofia alemã, como não existiam obras traduzidas no país, começa a estudar a língua e torna-se o primeiro brasileiro a servir-se de ideias estrangeiras para revelar amargas verdades sobre a pobreza mental do Brasil, pelo menos era como ele orgulhava-se em se intitular. No segundo item, o 3.2, o texto fala da proximidade de Tobias Barreto com os geógrafos, esse contato foi estabelecido principalmente com os alemães, foi bastante homenageado por eles e se tornou membro do *Club dos Kosmofilos* a instituição é uma *Associação aos Amigos da Geografia* que tinha como fundador o geógrafo Karl Julius Heinrich Lange.

O último item, o 3.3, deste III tópico, aborda o germanismo como signo indicador de mudança barretiana. O texto está baseado no livro *Estudos Alemães*, o objetivo é apresentar uma severa crítica com o intuito de incutir no espírito nacional o gosto das coisas germânicas, Tobias Barreto crê ser essa devoção o caminho para a cultura moderna. A necessidade se fazia porque se daquela maneira realizada, numa ampla aliança espiritual com todos os setores da vida com a Alemanha, o Brasil certamente entraria na livre corrente do movimento intelectual e consequentemente se desvencilharia da monopolização da França, haveria uma superação do francesismo.

O subtópico 4 fala da posição de Tobias em relação ao Positivismo. O texto inicia com uma questão que vai identificar para o leitor os motivos pelos quais o escritor se coloca como o pregoeiro da nação civilizada brasileira/germânica. A pergunta se direciona em analisar o descompasso entre a crítica à sociedade e a proposição de soluções feita por ele, para a evolução intelectual daquela sociedade. Faz um ferrenho combate contra as tendências dominantes daquele tempo que eram o ecletismo espiritualista, a filosofia católica e o positivismo, principalmente a este último, baseado na França da Restauração que servia de modelo cultural para o Brasil. Conceição escreve que Tobias “ao tentar se afastar do domínio do espiritualismo e do positivismo de Comte, Lamarck e Spencer, privilegiando o cultural de onde emerge sua concepção do

Building the way

Nacional/Regional, suas idéias se diferenciaram do pensamento hegemônico no tempo do histórico vivido” (2001, p. X).

A parte 2 da tese está dividida em quatro tópicos, dispostos do V ao VIII, o V intitulado *Caminhando contra a corrente* fala da grande admiração pelo romantismo alemão devotado por Tobias Barreto, tão grande que ele chega a ser autodidata na língua germânica para se aproximar cada vez mais daqueles preceitos, o que fora mais tarde reconhecidamente louvável por pesquisadores alemães, inclusive admirando-se como alguém de local tão ermo, do ponto de vista europeu, fosse capaz de aprender sozinho a língua alemã.

Existem várias cartas da associação de geógrafos alemães destinadas a Tobias Barreto indicando o alto grau da boa relação com aqueles geógrafos, esses documentos são registros integrantes da tese. Tobias pesquisou posições geográficas para ideias evolucionistas dos estudos históricos, para tanto baseou-se em Alexander Von Humboldt e Karl Ritter, o primeiro, de acordo com ele, foi um propagador da cultura nas ciências naturais, sua pesquisa estava calcada em duas obras: *Aspectos da Natureza* e *Cosmos*. Em Ritter, baseado em seu livro *Geografia Comparada*, escreve sobre a Geografia das plantas. Tobias Barreto sobre importante influência de Herder, estabelece a relação dessa influência quando escreve sobre a concepção de comunidade, nessa perspectiva aponta na pesquisa a base essencial do desenvolvimento das relações entre os povos.

O VI aborda a ideia de Estado na obra de Tobias de Barreto, esse conceito é revelado nas diferentes configurações assumidas, a partir da segunda metade do século XIX afunila-se para o surgimento do Estado Republicano. Há uma análise do quadro político econômico brasileiro, destacando que a integração do país ao mercado de capitais em nada muda sua posição, continuando a marginalização dos grandes centros. O VII tópico justifica sua posição primeira de culto às premissas alemãs, contrapondo entendimentos do sentido da formação de um Estado Nacional. Essa concepção passa obrigatoriamente pelo conceito de cultura da filosofia alemã, e mais, é ele que define as relações como uma antítese na Natureza das coisas. Faz, também, uma crítica ao Determinismo, apregoando dentro das concepções barretianas que a liberdade não é analisada simplesmente como um estado natural, ela vai além disso, como o resultado do trabalho conquistado pelo homem e a partir das lutas torna-se uma garantia de direito.

Building the way

O VIII apresenta uma estrutura dividida em três subtópicos e fala da trajetória da defesa do lugar/local – meio, uma contraposição do desenvolvimento econômico do Nordeste baseada na prosperidade pernambucana em relação ao que se fazia no Sudeste brasileiro, principalmente em São Paulo, a ponto de comparar a disparidade valorativa para a construção do quilômetro de estrada entre os dois estados da federação. Enquanto em São Paulo, sob as mesmas condições da topografia, se gastava vinte e dois contos, em Pernambuco o custo saía por cento e trinta contos. O texto inicia com o subtópico 1 sobre a condição de Província do Norte, sob a égide da Constituição de 1825 as províncias eram as divisões que formavam o Império, contudo elas não tinham poder de Estado ou federações, constavam apenas de circunscrições territoriais constituídas por municípios. Estes eram representados por câmaras municipais que tinham somente o poder de resolver os problemas locais, em hipótese alguma poderiam ferir os direitos ou proposições de outros municípios ou do Estado.

O subtópico 2 fala da defesa da autonomia da Província, com o discurso posto por Aureliano Cândido Tavares Bastos em sua obra intitulada *A província*, publicada em 1870, de acordo com ele a redação da Lei de 12 de maio de 1840 tratou-se mais de um golpe de Estado do que propriamente uma regulamentação. O que ocorreu foi uma revogação total da pouca autonomia que tinham as províncias, este ato teve como único intuito um favorecimento ao Rio de Janeiro. Renegou o pouco poder que tinham os municípios, ficando dependentes do Império, assim todas as proposições, atos ou decisões ficaram sob as asas do governo supremo ou do parlamento. Isto bloqueou a administração financeira local e o que se tinha antes com a autonomia das províncias agora custeava os gastos da administração central, impedindo qualquer possibilidade de desenvolvimento dos municípios do Norte.

No subtópico 3, Tobias Barreto contrapõe-se ao pensamento do livro *A Província* de Tavares Bastos, quando em 1872 publica um artigo intitulado *A Província e o Provincialismo* nos Estudos de Direito I. Apesar da profunda admiração que nutria por Tavares Bastos ele se mostra, com veemência, contrário ao seu texto. Segundo Tobias o objetivo da obra de Bastos não é outro se não puramente uma opinião política com interesses pessoais da classe burguesa, distanciando da intenção do partido liberal, que era escrever para o povo e de maneira subentendida a fazer uma crítica na forma de pensar Estado e Nação.

Building the way

Muito do discurso de Tobias Barreto para o desenvolvimento intelectual no Brasil está voltado ao organicismo. A concepção organicista foi difundida na Europa em meados do século XVIII, principalmente na Alemanha com também alguns movimentos na Inglaterra, Espanha e Rússia. Contudo, a ideia de unidade orgânica é encontrada em textos de Platão e Aristóteles, com redescobrimiento no período da Renascença. No Brasil começa-se a noção do organicismo naquela mesma época, abraçada por Tobias Barreto com o Romantismo alemão e depois por outros como Sérgio Buarque de Holanda com os textos *Raízes do Brasil* (1936) e *Caminhos e Fronteiras* (1957), neles há uma concepção organicista de cultura que integra a noção de forma e ritmo da tradição histórica dos brasileiros.

Os caminhos que se verificam em *Às margens do Beberibe e do Capibaribe: a crítica de Tobias Barreto nos meandros da Geografia* são compreender o processo de desenvolvimento discursivo de Tobias Barreto sob concepção bakhtiniana, a admiração pelos filósofos da Alemanha, a proximidade com a Geografia e seu pensamento direcionado a Orlando Bastos sobre as proposições evolucionistas do Brasil e o espírito do tempo. A tese é uma importante leitura para os que pesquisam os estudos germânicos no Brasil, seja na Geografia, na História, na literatura, ou mesmo no campo do direito, para os primeiros no sentido de compreender alguns dos estudos germânicos em nosso país, como por exemplo, contextualizar a obra *Geografia Geral do Brasil*, de Wilhem Albert Sellin, que até sua publicação não havia no acervo do nosso país um livro que informasse sobre o estado geral brasileiro e aos outros entender a constituição filosófica e científica que contestou os pensamentos gerais do desenvolvimento intelectual no Brasil.

Tobias Barreto, no livro *Monografias em Alemão*, descreve os críticos brasileiros como “marionetes franceses, eles pensam, bebem, riem, choram, espirram, pigarreariam e cospem à francesa” (1990, p. 55), faz essa crítica ao modelo de desenvolvimento que se construía, mas familiariza-se com o pensamento germânico sem mesmo nunca ter frequentado os “grandes centros de inteligência europeia” (2001, p. 89). Apesar da autora não explicitar, esta ideia nos remete ao modelo difusionista da ciência ocidental proposto por George Basalla (1997), este historiador americano propõe um modelo para explicar como a ciência, a partir da Europa, disseminou-se pelo ocidente. O modelo basalliano busca explicar o desenrolar científico através dos tempos, prega que a ciência desenvolvida em um país, após sua estruturação, pode ser difundida para outros locais, essa difusão ocorre de várias formas para o aprendizado no ‘Novo

Building the way

Mundo’, sejam elas por negociações ou invasões, vale dizer que seu ponto de partida é a Europa Ocidental. E o que Tobias Barreto almejava era uma negociação para se “chegar à transformação da própria realidade nacional através do surgimento de uma cultura brasileira legítima. Seu principal intuito ao pretender difundir a cultura alemã era o de abrir novos horizontes ao pensamento nacional.” (CONCEIÇÃO, 2001, p. 91).

Contrários ao pensamento de Tobias Barreto alguns autores não aderiram as premissas alemãs. Essa perspectiva aponta para um trabalho de amplitude local, David Wade Chambers, no texto *Localidad y ciencia: mitos de centro y periferia* (1997), chama de movimentos para ruptura, ‘descolonização’, no sentido de institucionalizar a ciência, afastando-se do controle europeu. Nesse movimento são colocadas algumas regras de ‘Localidade’ que não têm o objetivo de ser modelo de referências com prescrições para a modernização científica no ‘terceiro mundo’ como queria o modelo de Basalla. As regras se aplicadas, cada nação com sua realidade ou especificidade teria características próprias e consequentemente libertando-se do intercâmbio metropolitano, alcançaria um processo histórico evolutivo de conhecimento nacional.

A autora da tese é Alexandrina Luz Conceição, graduada em Geografia pela Universidade Federal do Sergipe em 1973, mestra também em Geografia pela mesma instituição em 1991, e doutora em Geografia Humana pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo em 2001. Já foi presidente nacional da Associação de Geógrafos Brasileiros e atualmente é professora do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Sergipe com experiência em Geografia Agrária, atuando nos seguintes temas: Estado, Território, Trabalho, Capital, Políticas Públicas, Movimentos Sociais, Teoria e Método, Teoria Crítica e Marxismo e História do Pensamento Geográfico.